

A JUSTIÇA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA "JUSTIÇA",
SEMANARIO DEMOCRATICO VIMARANENSE

Redacção e Administração: Rua de D. João I

Editor e Director — ANTONIO DA SILVA CARVALHO

Composição e Impressão: Typographia GUISE

A TIRO ! ...

N'um dos ultimos dias da semana passada, reuniram em conventiculo, alguns membros da commissão administrativa da Camara Municipal, para, segundo informações de pessoa de toda a respeitabilidade, estudarem a maneira de nos processar, mas, lendo e relendo todo o nosso modesto semanario, não encontraram a tão desejada materia criminal.

Esses furibundos edis pretendem abafar-nos a voz, quer seja com o peso de processos crimes ou com a violencia de cacete.

Nem d'uma forma nem d'outra, fiquem convencidos d'isso.

A "Justiça", não nasceu para ter medo e para agredir traiçoeiramente, ao dobrar uma esquina, encoberta com as sombras da noite.

Nasceu para lutar em campo descoberto, á luz do dia, e, se tiver de morrer, hade morrer heroicamente no campo da batalha.

Podem agulhar contra nós a matilha, podem combinar assaltos na escuridão da noite, podem inventar contra nós quantos processos quizerem, que não conseguirão calar-nos.

Nunca. Temos fraquezas — todos os homens as teem — mas não temos a da cobardia.

Não. Nós não somos cobardes. Mandem a matilha.

Ao insulto saberemos responder com o castigo, á agressão com o devido troco.

Se vierem de cara descoberta, verão como nós sabemos tratar com adversarios leaes.

Se vierem disfarçados com *varinos e oculos de chauffeur*, verão como nós sabemos desprezar os infames mascarados, os ignobéis criminosos que se não pejam de descer á tristissima condição de salteadores de estrada.

Sim, mandem a matilha. Encontrar-nos-ha firmes no nosso posto, sem recuar um passo, sem desanimar um momento.

Ha muito que sanear em Guimarães e porisso nós precisamos de fallar, custe o que custar, doa a quem doer.

E havemos de fallar, quer os nossos inimigos queiram quer não.

Encoraja-nos a Fé, fortalece-nos o amor da Patria.

Chamem-nos *Clericaes*, chamem-nos *franquistas*, chamem-nos *thalassas*, alcunhem-nos, mesmo, de *conspiradores*, que isso pouco nos importa.

Toda a gente pa são criterio conhece a pureza das nossas intenções. Toda a gente sabe o caminho que voluntariamente e desinteressadamente nos propuzemos seguir.

O caminho da Verdade. O caminho da Justiça.

E havemos de proseguir n'este

longo e escabroso caminho até chegarmos ao fim.

Podem collocar na nossa frente os obstaculos que quizerem.

Nada nos deterá. Nós passaremos ávante.

Temos um sagrado dever a cumprir, imposto pela nossa consciencia: trabalhar para a extirpação dos cancos venenosos que existem na politica local, e para a transformação do seu estado cahotico n'uma politica republicana onde todos os homens se congracem, onde todos os espiritos se irmanem, onde todas as vontades se unam para a sublime obra da redempção social.

Traçamol-o. Havemos de segui-lo.

Chamem-nos *clericaes franquistas, thalassas, conspiradores*.

Seremos tudo o que quizerem as suas imaginações doentias.

Clericaes, combatendo a perseguição acintosa e vexatoria que alguém move contra a religião d'uma enorme maior parte da população portugueza, pretendendo reduzi-la a uma situação deprimente.

Franquistas combatendo contra tudo quanto esteja fora da Ordem e da Lei.

Thalassas combatendo contra os desmandos que nos façam lembrar os tempos da cahida monarchia.

Conspiradores combatendo contra persiguições, vinganças actos e faccios que desacreditem a Republica.

Seremos o que quizerem. Mas sempre *combatendo* pela Republica, tal como ella deve ser comprehendida, e pela conquista do seu alto prestígio e dos seus benéficos resultados.

Não aspiramos a honrarias nem a cargos.

Despresamos as honrarias e os cargos.

Não aspiramos a empregos.

Temos braços e somos robustos para trabalhar.

Temos uma aspiração mais sublime, mais grandiosa, mais altruista.

E' o engrandecimento da nossa Patria, é a exaltação da Republica Portugueza.

Foi essa aspiração que nos trouxe á lucta e n'ella nos conserva firmes e intemeratos.

Não recuaremos ante a injuria.

Não estacaremos ante a ameaça.

Temos inimigos?

Isso consola-nos e entristece-nos.

Consolla-nos quanto á qualidade e ao numero d'esses inimigos.

Entristece-nos porque elles deviam ser os primeiros a procurarem elevar no nosso meio a sympathia pela Republica, e, muito ao contrario, teem provocado, não só a desunção do partido local, mas tambem o afastamento d'essa sympathia.

Não nos deterão os nossos inimigos.

O caminho está traçado e havemos de segui-lo.

Ha um só meio de nos fazerem callar.

Façam-se Republicanos sinceros.

Amen a republica.

Tornem-se dignos.

Sejam patriotas.

Assim callar-nos-hão.

D'outra forma... nem a tiro.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA

O manifesto que o cidadão, José Pinto T. d'Abreu mandou affixar e distribuir profusamente pela cidade afim de se pôr termo ás occorrencias continuas por occasião do hymno nacional, executado pela banda regimental no jardim publico, deu origem a um protesto geral dos correspondentes desta cidade para os diarios de Lisboa e Porto, motivado, indubitavelmente, por affirmações, um tanto inexactas e offensivas n'elle feitas.

E' o que se deprehende da leitura dos protestos que passamos a transcrever:

Os correspondentes de Guimarães para o «Commercio do Porto», «Educação Nacional» e «Diario de Noticias», ausentes presentemente na praia da Povoá de Varzim, tendo conhecimento pelos jornaes de hoje dum manifesto do presidente da camara que actualmente exerce o cargo de administrador, e não se conformando com o exposto no mesmo manifesto na parte que lhes diz respeito, visto fazerem-se alli affirmações que de modo algum devem deixar passar sem protesto, por terem sido sempre o mais cautelosos possivel na apreciação e narração dos factos acontecidos em Guimarães, chegando ao ponto de omittirem acontecimentos graves como foi o da queima das bandeiras na noite de 7 de agosto findo a pedido de alguém que dirige o partido republicano da mesma cidade, veem por esta forma protestar contra taes insinuações e tornar bem publico que sempre foram e continuarão a ser o mais concisos possivel nas noticias para os jornaes que representam, correspondendo assim á confiança das redações e á sua propria dignidade que de forma alguma consentirão se ponha em dúvida.—C.

Este o protesto que vinha publicado na «Educação Nacional»

O diario «O Porto» na correspondencia de 9, trazia tambem estas palavras justissimas do seu correspondente:

Ha, sr. Teixeira d'Abreu, engano lamentavel por parte de v. ex.ª.

O Porto, se nos dá licença, é, pelo menos, uma excepção á sua regra geral.

O Porto, informou sempre os seus numerosos leitores com a maior verdade.

Não informava com *menos certeza* mas absolutamente seguro do que se dizia.

E se uma ou outra vez esconden casos graves como os de tiros de pistola que se deram em pleno Toural, na noite da *queima das bandeiras*—lembra-se?—isso deveu-se ao pedido que lhe fizeram

para occultar coisas que iriam de pôr muito desforavelmente contra Guimarães.

E n'aquella noite de 13—a noite dos maiores, dos vivos ensurdecedores á monarchia e a Paiva Couceiro, de mistura com os gritos de... abaixo a Republica—quanto teria *O Porto* que dizer com dados certos!

Ah! não sr. Teixeira d'Abreu. Pela parte que directamente nos possa caber ha, evidentemente, engano da sua pessoa.

Os acontecimentos de Guimarães foram o que foram e todos nós sabemos.

Evital-os seria o supremo ideal.

Não pôde ser... paciencia.

Os correspondentes disseram a verdade.

A verdade, é claro, encurtada o mais possivel.

Como bons vimaranenses que são, evitaram tanto quanto possivel aggravar, se mais é dado, os abalados creditos da sua terra.

Se dissessemos *tudo* a coisa iria muito longe.

E o sr. Abreu bem o sabe. Pois não é verdade que se a força militar tivesse viado a tempo, na noite de 13, as coisas não tinham chegado ao que chegaram?

E de quem foi a culpa? Certamente dos correspondentes dos jornaes do Porto e Lisboa, que nada disseram como lhes cumpria.

Amigos, muito amigos, e sobretudo muito bons vimaranenses os *taes* correspondentes para os jornaes do Porto e Lisboa.

O de *O Porto*, pelo menos, tem-se n'essa conta, pois tem procurado sempre informar os seus leitores com a maior certeza e segurança.

E ficamos n'isto.—C.

Nós que somos vimaranense e tivemos mais ou menos exacto conhecimento dos factos que nos envergonharam—alguns foram presenciados por quem escreve estas linhas—damos toda a razão aos correspondentes protestantes.

E' vulgar, em casos identicos, dum argueiro fazer-se uma trave; mas desta vez, impere a verdade!, os dignos correspondentes a que nos referimos transformaram, no relato dos acontecimentos, a trave em argueiro. Será para alguém um phenomeno, mas é a realidade das coisas.

Na nossa opinião nunca deviam ter sido escriptas aquellas palavras—*ocorrencias que os correspondentes desta cidade para os jornaes do Porto e Lisboa teem deturpado, exagerando a realidade dos factos*—porque podiam enxovalhar a dignidade e reputação jornalística dos cavalheiros alvejados, os informadores dos jornaes o «Commercio do Porto», «Educação Nacional», «Diario de Noticias» e «O Porto» que nos merecem toda a confiança e respeito, sobretudo, porque essas affirmações consttuem uma falsidade.

Pode, muito naturalmente, darse a irrevocabillidade de vir uma vez ou outra uma noticia estropeada,

remendada ou, se querem, deturpada, mas isso, em regra, succede por motivos justificáveis com notícias de pouca importância, ou com cabeças levianas.

Quando, porém, uma informação de responsabilidade—como nestes casos—vem por fatalidade maculada, o correspondente, que é digno, apressa-se a rectificá-la muito pormenorizadamente e em acto contínuo no numero immediato—o que no entanto rarisimas vezes acontece, porque essas noticias são escriptas o mais escrupulosamente, com a maior fidelidade e recato.

Egual juizo fazemos da maioria dos correspondentes desta cidade, especializando, os dos jornaes citados, porque, infelizmente, nem todos assim honradamente e honestamente teem procedido.

E em conclusão, pensamos que se se tivessem supprimido do manifesto as palavras que sublinhámos, certamente não viriam á luz as declarações para alguns mysteriosas que linhas acima reproduzimos, e ter-se-hia tambem evitado moles tar alguém: tudo isto sem soffrer a minima alteração de sentido o decantado aviso, pois que essas poucas palavras constituem um parenthe-sis escusado e por isso facil de eliminar.

V. M. F.

CHRONICA

Vimos o embarque dos presos políticos na ultima 5.^a feira alli na estação; assistimos á scenas verdadeiramente tristes e dolorosas. Uma mãe que via partir o filho sem esperança (quem sabe?) de o ver mais e que assim sentia atravessar o coração pelo golpe mais rude da sua desgraçada sorte: perdeu com elle o negro pão de cada dia: hoje, via esmollar na rua, era o seu unico amparo: chorava convulsivamente. Tive dó da pobre mulher.

A meu lado era a esposa d'um dos deportados que chorava: aproxim-me e ouvi-lhe entre gritos de revolta e de desespero: fico com trez filhos e sem saúde para poder ganhar o caldo que me vinha do braço d'elle.

O infeliz via a companheira no desespero d'uma agonia cruel e parecia-lhe ter forças para vencer as espingardas que o cercavam procurando abraçar o ente mais querido da sua vida! Santa illusão a que eu lhe advinhei!...

E quando o comboyo annunciava a sua partida um ultimo adeus escutei ainda aquellas infelizes; comovi-me tanto com a sua situação que não tive para ellas duas palavras de animo e de... esperança! Como eu estava commovido!

Vim para casa e pensava: a culpa d'esta infelicidade não é dos desgraçados que vão soffrendo o horror d'uma prisão e a saudade d'este ceu azul e puro, não; quem arrancou aquelles homens ás suas mães, ás suas esposas, aos seus filhos, foi esta sociedade criminosa que não sabe corrigir os erros, evitando os perigos.

Aquelles treze portuguezes a quem os seus compatriotas acabam de tirar a liberdade e a paz dos seus lares, não são criminosos, nem tão pouco, culpados do acto que praticaram; elles não sabiam a responsabilidade em que iam envolver-se; e, se não tivessem do lado quem os animasse com vãs promessas sem

escrupulo e sem realidade, ainda hoje o pão não faltaria—em suas casas—porque todos elles são verdadeiros homens de bem a quem o trabalho sempre dignificou.

Não será esta a verdade?

Sr. Presidente da Republica; V. Ex.^a que é um sentimental e um justo, um caracter nobilissimo a quem assentam bem os mais santos predicados de virtude. Tem na sua presença a supplica de treze desgraçadas familias a quem o fantasma da fome espreita já com todos os seus horrores.

São portuguezes e portuguezes inoffensivos os infelizes que a justiça escolheu d'uma manifestação que nada valeu nem podia valer porque nada representava contra o alto valor das nossas instituições.

Perdoae-lhes que podeis fazel-o. O vosso perdão virá dar-lhes o que a sociedade lhes segou: com o estímulo á liberdade, um graude respeito pela Republica e pelas suas leis. Perdoae-lhes pelas lagrimas dos innocentes filhos que agonizam de fome e de miseria.

Romano

Manifestações...

As demonstrações de regosijo de alguns dos nossos radicaes são sempre uma salgalhada que ninguém comprehende.

Veem-se passar na rua á frente duma musica, dando vivas estrondosos, e julga-se uma expansão legitima—e sel-o-hia se não escondesse um odio concentrado—quando, afinal, isso não passa d'um pretexto para darem largas á sua ira contra todos que não commungam no seu credo.

No dia 11 soube-se aqui, pela tarde, que havia sido reconhecida a Republica Portuguesa pela Inglaterra, Hespanha, Allemanha e Italia, noticia que foi recebida com geral contentamento.

A' noite sahio uma banda de musica a tocar pelas ruas o hymno nacional, dizem-nos que por ordem do presidente da commissão municipal, sr. José Pinto Teixeira d'Abreu, a qual era acompanhada de alguns cidadãos que davam varios vivas allusivos—não faltando os costumados *morrás aos thalassas* á porta dos suppostos, prato indispensavel em todas as manifestações a que a rua se agregue.

Não nos cançaremos de condemnar os *morrás*, seja ao que fór, á porta d'um cidadão, pois isso constitue uma provocação e depõe muitissimo contra o civismo de quem tal pratica.

Alem disso, uma manifestação ordeira, sem transpirações de rancor, tem um alto valor significativo, ao passo que as que aqui se teem feito, só mostram, em parte, que o patriotismo republicano d'alguns vimaraneses se transformou em fanfaronadas de nenhum valor.

A demonstral-o temos o facto revoltante que se passou na noite de 11.

Um segundo cabo d'infanteria 20, quando a musica passava pelo Passeio da Independencia, lembrou-se de fazer do alto do Pelourinho pulpito, e, abrindo a torneira fallatoria, principiou a despejar palavras a ésmo, das quaes n'outra parte damos uma amostra, sendo escutado por todos os circunstantes, a maior parte dos quaes estavam admirados, por

em tão pouco tempo se poderem dizer impunemente tantas inconveniencias.

Na o discurso quasi no fim quando um individuo disse de cá de baixo qualquer coisa, e, como outro perguntasse muito naturalmente *então quem é que falla?*, valheu-lhe essa sua inoffensiva pergunta uma tremenda bofetada, vibrada por um jornalista... um educador do povo.

Não presenciamos a scena por que estavamos um pouco afastados do local, mas foi-nos garantida a sua veracidade por varios cavalheiros entre os quaes antigos republicanos.

E um d'elles censurando acremamente o facto, disse-nos:

—Elle deu-lhe a bofetada porque conheceu em quem a dava.

Ha d'estas bellezas nas manifestações!

Triste!

A RUA

em scena

Tentativa de AGRESSÃO

Na noite de 11, quando o director d'este jornal se dirigia soceadamente para sua casa, em companhia de dois amigos, depois de finda a manifestação, esteve para ser agredido por um grupo de militares a quem um refinado patife que dá pelo nome de José Ferreira (o Violante) o estava indicando como sendo o do *chapeu branco*.

Não sabemos porque carga d'agua o acto, baixo e reles, não chegou a ser levado a effeito, mas sabemos com absoluta certeza quem foi o *heroe* que o encommendou.

Não commentamos nem apresentamos o *heroe* á consideração do partido, porque taes façanhas causam-nos simplesmente nojo.

Pelo caracter do escroc que estava apontando o *sentenciado*, podem os leitores queridos avaliar o do seu *partido* e homens de tal jaez não se discutem.

Não nos intimidam.

Continuem que nós não recuaremos.

Onde está a disciplina?...

O cabo d'infanteria n.º 20 que na noite de 11 *discursou* no Pelourinho entre o chorilho de parvoíces que vomitou, disse, pouco mais ou menos, o seguinte:

«Os militares devem ser todos eguaes, sem *defrença* de postos.

O soldado deve ser igual ao cabo, o cabo ao sargento, o sargento ao alferes e assim por *diente*. O respeito é p'ra caserna. Cá fora não deve haver distincções».

Ora aqui está um cabo mesmo a pedir a medalha de merito e valor militar.

O cabo tem razão.

Disciplina!...

Para que serve isso?...

Então não é mais bonito em vez do soldado responder com um *perfilado* «prompto meu alferes» ao chamamento d'este seu superior, pespegar-lhe na bochecha com um «que é que queres ó coisa»? Se todos devem ser eguaes...

Não ha maneira d'esta gente

compreender a Republica pelo seu lado bom.

Aos corações generosos

Do digno presidente da commissão administrativa da Camara recebemos o seguinte officio:

Serviço da Republica

N.º 439.

A' REDACÇÃO DO JORNAL

«A JUSTIÇA»

Tendo a Commissão administrativa da Camara Municipal da minha presidencia, votado no seu orçamento ordinario, uma verba de despeza da quantia de 300,000 reis, para subsidiar creanças filhas de pais miseraveis, afim de fazerem uso de banhos de mar, como lhes é preceituado pelos facultativos d'esta cidade e concelho. Mas, sendo muitas as creanças que carecem d'este salutar beneficio, a verba votada foi immediatamente esgotada, havendo ainda n'esta secretaria muitas petições, que é da mais inteira justiça e caridade que sejam deferidas.

Não tendo esta Commissão, por o estado pouco lisonjeiro do Cofre, meio de remediar este mal, lembrou-se de solicitar de V. Ex.^a para que na redacção do seu muito lido jornal, seja aberta uma subscrição publica a favor d'aquelles infelizes, a quem as suas definhadas existencias perigam, quando não sejam ministrados os banhos de que urgentemente carecem.

Espero do vosso altruismo e boa disposição com que sempre estaes quando se tracta de caridade, que accedereis a este meu pedido.

Saude e Fraternidade

Guimarães, 11 de Setembro de 1911.

O presidente,

José Pinto Teixeira de Abreu.

Accedendo da melhor vontade ao pedido do sr. Teixeira d'Abreu, fica desde já aberta a subscrição, e, porque se trata de um fim caritativo tão util e tão nobre, d'aqui appellamos para os humanitarios sentimentos dos nossos queridos assignantes e leitores, pedindo-lhes o seu auxilio.

Redacção da «Justiça»... 1:000
Alberto Cezar e esposa... 500

(Continua)

Dura de roer... mas foi

O distincto official do exercito sr. tenente Francisco Martins Ferreira, que tinha sido apontado pela «Velha Guarda» como um dos que *protestou sollemnemente que não acatava o actual regimen*, dirigiu uma carta áquelle jornal em que declara:

1.º—Que desde 3 de Outubro de 1910 eu acato o regimen republicano como cidadão e como official do Exercito, segundo declarei officialmente ao meu Ex.^m Commandante de regimento.

A JUSTIÇA

2.º—Que não compareci a subcrever o auto referido não só por me encontrar retido em casa, de nojo, por fallecimento de um parente proximo, mas tambem por a corporação de officiaes a que pertenco se ter feito representar n'esse acto por uma commissão de tres officiaes.

3.º—Que sendo uma e a mesma pessoa o official do Exercito e o professor de gymnastica do Liceu, representado aquelle no auto, representado ficava tambem o professor.

«Velha Guarda» publica a carta acompanhada do seguinte:

E' com o maximo prazer que registamos este facto, pois que, tendo-nos merecido sempre o snr. tenente Ferreira a maior consideração, muito extranhavamos tivesse, voluntariamente, deixado escapar um tão bom pretexto de mais uma vez, manifestar a sua sincera fê republicana.

Bella consideração, sim senhor!

E' tal e tão grande que, sem inquirir da causa que motivou a falta, se apressou a classificar-o de *inimigos do regimen!*

O que a «Velha Guarda» pretende, é dissimular o quanto lhe custou a engulir a *bucha* que o snr. Tenente Ferreira lhe atirou.

Mas foi, que não havia outro remedio.

O JOGO EM VIZELLA

Por falta de espaço não nos podemos referir n'este numero á vergonhosa questão do jogo em Vizella, tão circunstanciadamente quanto era nosso desejo.

Informamos, porem, desde já os nossos leitores, que alguns proprietarios de casas de jogo foram chamados á administração do concelho, onde declararam ter pago quantias que attingem uma somma superior a 400:000 reis (e não 700:000 conforme as primeiras informações) a troco de auctorisação para o funcionamento das mesmas, de cujas declarações foi lavrado o competente auto.

Mais sabemos, por informações que reputamos seguras, que os individuos implicados no caso já se *chegaram* a pedir misericordia ao administrador snr. Theodorico F. dos Santos, que tanto tem guerdado, não obstante um d'elles ter dito que foi este snr. quem *se chegou*.

No proximo numero fallaremos mais detalhadamente.

Por a policia

Por roubo domestico feito a Thereza Mendes de Mesquita, solteira, servical, da rua de Camões, na importancia de 23\$000 reis, foram presos e entregues ao poder judicial, Guilherme Augusto, casado, funileiro, do Ourado, e Simão Marques, barbeiro, da rua da Republica.

Os arguidos foram postos em liberdade por, já no poder judicial, serem afiançados.

—Queixou-se Francisco José Ferreira, pedreiro, da freguezia de Gonça, contra o João das Vendeiras, da

mesma freguezia, por no dia 7 do corrente, pelas 5 horas da tarde, quando retirava da romaria da Senhora do Porto d'Ave, e por alturas da freguezia de Aroza, o espancar barbaramente com um pau, produzindo-lhe dois grandes ferimentos na cabeça.

Participado para juizo.

—Vae ter o correctivo que merece, Joaquim da Silva «o Pachancho», sapateiro, d'esta cidade, que tendo-se ausentado para a Povoação de Varzim, deixou em completo abandono, dois filhinhos de tenra idade, e que por ahí andam implorando a caridade publica.

—Queixou-se Maria Thereza, da rua Trindade Coelho desta cidade, contra Anna e marido João Fernandes, da mesma rua, por no dia 8 do corrente, pelas 3 horas da tarde, a haverem espancado, causando-lhe um ferimento no braço direito, e lhe terem apedrejado a casa de sua residencia.

Participado para juizo.

—Queixou-se Rosa Maria, da freguezia de Azurey, contra Rosa Christas, da mesma freguezia, por no dia 8 do corrente, á porta da sua casa, a espancar, causando-lhe um ferimento no braço esquerdo.

Participado para juizo.

—Foram postos á disposição do Meretissimo Juiz de Direito, desta comarca, Jetrudes de Jesus, cazada com Guilherme Augusto e Fernando Marques, menor, filho de Simão Marques, por se acharem implicados no crime de *rombo domestico*, feito a Thereza Mendes de Mesquita, servical da rua de Camões, desta cidade.

NEM A TIRO!...

Era este o titulo que o auctor respectivo tinha dado ao nosso editorial d'hoje, mas por um involuntario lapso de revisão sahi—
A tiro!...

Pedimos desculpa ao nosso obsequioso articulista e fica assim resalvado o engano.

Um grande republicano

Do «Mundo» em noticia de commendanda:

Em Guimarães

Não tem nenhum fundamento o boato de que o vice-presidente da camara de Guimarães haja promovido uma manifestação hostil ao administrador d'aquelle concelho. Basta dizer que vice-presidente da camara e presidente da camara municipal é o nosso dedicado e prestante correligionario snr. Marianno Felgueiras, para se reconhecer a falta de fundamento do boato. Se tivéssemos ligado o nome á qualidade apontado, nem nós nem o nosso obsequioso in-

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



MACHINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
DAS
FABRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANNUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM
JÁ NAS
MACHINAS
PARA COSER

SINGER

MAIS
APERFEIÇOAMENTOS
NEM
MECHANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

AVENIDA CANDIDO DOS REIS—GUIMARÃES

formador dariamos credito ao boato, porque Marianno Felgueiras é d'aquelles que nasceram republicanos e com severa intransigencia tem defendido e defende os principios democraticos. E' certo que o actual administrador de Guimarães tem feito uma politica deploravel, rodeando se dos artigos caciques monarchicos e maltratando os republicanos, mas o nosso correligionario Felgueiras e os seus amigos da commissão politica não manifestaram por nenhuma forma em acto publico o seu desagrado e se houvessem de fazelo, procederiam como bons republicanos.

E' necessario que os nossos leitores conheçam isto e mais o resto. Custa-nos fazer tantas transcripções, que nos roubam muito espaço por não termos ainda o material apropriado, mas é necessario que ellas se façam para completa illucidação.

Na noticia que ali fica, que não nos custa acreditar ter sido feita ou inspirada pelo proprio interessado, impera a mentira e a chicana.

O vice-presidente da commissão da Camara, se não promoveu a manifestação associou-se a ella e hostilizou o administrador com os seus «vivas» e «abaixos» o que para toda a gente de senso vale o mesmo.

Quanto a ter nascido republicano, assim poderia acontecer se elle tivesse nascido ha pouco mais de dois annos, mas com elle já deve andar pelos 30, segue-se que para ser *nosso pres'ante e dedicado correligionario* foram precisos cerca de 28 annos de gestação.

Bem sabemos que não é muito, mas sempre são 28 annos, entre o nascimento e a republicanisação.

O forte d'esta gente é elogiarem-se a si proprios e deprimir os outros, ainda que para isso tenham de mentir.

Está o caso na critica ao administrador actual.

Já temos dito o bastante para se saber quanto as sua administração tem sido honestamente republicanos.

Elles proprios o tem reconhecido na isenção e imparcialidade com que elles faz justica a todos.

Mas tem um talo na garganta que os não deixa engulir.

PROTESTAMOS

O vice-presidente da commissão administrativa da Camara na sua jereminada despedida de director da «Velha Guarda», intitula o grupo politico a que pertence de—*velha guarda do partido republicano de Guimarães*.

Não podemos deixar passar sem protesto esta absorpção de direitos que com justica cabem a outros cidadãos, se bem que algum ou alguns do que estão na «Velha Guarda» tambem n'elles tenham seu quinhão.

Quem não o tem, e não o pode ter nunca, é o vice e a maior parte dos commissionadas da Camara.

Quem não o tem, e não o pode ter nunca, são exactamente aquelles que hoje mais berram e mais se exaltam a si mesmos.

Quando do periodo agudo dos republicanos de Guimarães, ali por 1901, em que os caciques d'então os perseguiram, não appareceu um unico *guarda velho* a defendel-os.

Ainda em 1907 foi fundado um centro republicano e não appareceram esses *guardas velhos* a auxiliar a fundação.

Consulte-se o Directorio republicano sobre qual foi o primeiro centro de Guimarães que allí se filiou e quem d'elle fazia parte, e ver-se-ha em que fica a *velha guarda*.

Os *guardas velhos* só appareceram depois que o partido entrou em guerra aberta com a monarchia com todas as probabilidades de exito, e a maior parte d'elles depois de 5 d'outubro.

Não ha que ver. A cegueira do mando endoidecem esta gente.

Pois se elle até já *nasceram republicanos!*...

Os outros em troca são. *clericaes franquis'as*.

Pede-se a visita do publico ás nos-
sas uccursaes para examinar os bor-
dados em todos os estylos: matiz
renda, abertos, mexicanos e romanos,
bordados venezianos, etc., execu-
dos com a machina

DOMESTICA BOBINE CENTRAL
a mesma que serve para toda a classe de

Trabalhos domesticos

Machinas para todas as industrias
em que se empregue costura.

MACHINAS SINGER PARA COSER

Peça-se novos catalogos com grandes reduções de preços que se dão gratis

Mais um triumpho!

Entre todos os expositores de machinas para coser na
EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE BRUXELLAS, de 1910, foi a COM-
PANHA SINGER a unica que obteve o mais alto premio.

GRANDE PRIX

E' mais uma victoria, junto a tantas outras, que as excellentes e
bem construidas MACHINAS DE COSTURA SINGER
tem alcançado em todas as exposições

Companhia Fabril Singer
Todos os modelos a 500 reis semanaes

Concessionario em Portugal

ADOCK & C.

SUCCURSAES

BRAGA

69, L. do Barão de S. Martinho, 71

GUIMARÃES

Avenida Candido dos Reis



ANTIGA HOSPEDARIA PINHEIRO

SUCCESSOR

JOAQUIM HENRIQUE NUNES

Guimarães

Esta antiga hospedaria acaba de passar por importantes melho-
ramentos o que a torna mui commoda e confortavel. É dirigida
com todo o escrupulo, tem um pessoal competentemente habilitado
e encontra-se com todo o aceio e limpeza.

MINERVA—TYPOGRAPHIA GUISE

RUA DE SANTO ANTONIO

GUIMARÃES

Impressão de circulares, facturas, memoranduns, enveloppes, par-
ticipações de casamento e todos os mais impressos para commercio, ca-
maras municipaes, repartições publicas e juntas de parochia; rotu os pa-
ra pharmacia; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos, etc., etc.
Impressões a cores, e cartões de visita em todos os formatos e di-
versas qualidades.

PREÇOS MODICOS

CREAM OF WHEAT

FARINHA ALIMENTICIA

á Venda na Merceria Traz de S. Paio

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento completo para creanças, pessoas debilitadas e idosas, feita
com o melhor leite da Suissa.

Merccaria Traz de S. Paio—GUIMARAES

NOVA VIAÇÃO DE GUIMARÃES

—DE—

Manoel Lopes

Guimarães

PREÇOS LIMITADOS E SEM
COMPETENCIA



Alquilaria—Largo da Senhora da Guia.
Escritorio: Em casa dos snrs. Manoel
Joaquim da Cunha & Menezes, rua de Payo
Galvão—GUIMARÃES

A Justiça

Condições d'assignatura

Portugal, Africa e Brazil: Anno
1200 semestra, 600 reis; trimestre
300 reis; avalso, reis (Pagamento
adeantado, P. ra ítra, acrecece es-
tampilha)

Preço das publicações

Annuncios e comunicados, por
linha 40 reis
Repetições, por linha . . . 20 ..
Permanentes, contracto especial.

Ao Cidadão